

O Congresso, uma cidade muito especial

População, já em 10 mil, tem renda 5 vezes superior à do País e ampla rede de serviços

FOTOS: EUGENIO NOVAES



Apesar da rede bancária ter quatro agências, ainda se formam longas filas por lá



Restaurante da Câmara: comida refinada e uma das melhores vistas de Brasília

Turismo para ninguém pôr defeito

Você já foi ao Congresso? Não? Então vá. Antes, no entanto, procure em seu guarda-roupa o traje adequado para a visita. Se for homem, escolha o tradicional terno-e-gravata, de preferência sóbrio. Se for mulher, escolha uma peça qualquer, mas atenção: bermudas, de qualquer comprimento, não são bem-vindas. Minissaias são aceitas, embora sua usuária corra o risco de ser atentamente analisada pelos inúmeros olhares masculinos nos corredores.

Passada a fase da escolha da roupa certa, você estará livre do assédio das seguranças e do risco de ser barrado. Mas terá pela frente uma dificuldade adicional: não há, no Congresso, como acontece nos principais pontos turísticos da cidade, guias com os quais se possa contar, a não ser quando os turistas vêm em grupo e têm o cuidado de se comunicar previamente com a Assessoria de Relações Públicas. Se você for sozinho ou com a família,

terá duas alternativas — ou pergunta aos que ostentam o inconfundível ar de intimidade com o local ou fatalmente acabará perdido em meio aos infundáveis corredores, à procura de uma saída para a qual não há uma única indicação.

A principal entrada do Congresso — uma espécie de "entrada social" — é a porta do Salão Negro, que, infelizmente, nem sempre está aberta. Quando está liberada ao público, no entanto, esta entrada é a mais prática para o "turista", pois dá acesso a todo o prédio sem que se tenha de conhecer os labirintos do Congresso. A orientação é simples: a escada à direita dá acesso à Câmara; a maior escada à esquerda dá acesso ao Senado. Uma terceira escada, também à esquerda, dá acesso às galerias.

Se você for visitar o prédio principal, escolha qualquer das duas escadas. Escolhendo a da Câmara, você vai desembarcar num amplo salão revestido de

carpete verde-musgo — é o popular salão verde, onde nos dias de maior movimento se pode encontrar todos os constituintes e também as equipes de televisão aguardando os entrevistados. Muitos "turistas" gostam particularmente de ficar por ali, à espera de ver os repórteres televisivos e deputados de maior fama.

Andando pelo salão verde, à direita, você vai encontrar o plenário da Câmara, onde se processam as votações da Constituinte. A entrada é proibida (só entram parlamentares e jornalistas credenciados). Em frente ao plenário, no canto à direita do salão verde, fica o famoso "cafezinho", onde muitos acordos e desacordos entre os parlamentares são traçados. Detalhe: o cafezinho e a água são de graça e qualquer pessoa é servida.

Olhando do salão verde para a sua esquerda, você avistará uma outra cor no carpete — azul, bem forte.

É o salão azul, do Senado Federal. Seguindo em frente pelo tapete azul você verá, à direita, uma parede sinuosa, coberta de espelhos rayban. Atrás dos espelhos estão os gabinetes dos líderes de partido no Senado. A direita, está o plenário do Senado, onde também não se pode entrar. Seguindo à esquerda, depois do plenário, há o comitê de imprensa e à direita dele, um túnel, através do qual se chega aos gabinetes do restante dos senadores, às comissões, biblioteca, auditório, serviço médico.

A partir daí, é provável que você resolva voltar. Exatamente no limite entre os tapetes verde e azul, você vai encontrar uma escada. Descendo-a, vai encontrar um andar intermediário, onde estão os bancos que têm agência no Congresso: Banco do Brasil, Caixa Econômica e Crédito Real. Lá também está um posto da ADIRP (Relações Públicas da Câmara). Em frente aos bancos duas escadas: elas o levarão ao subsolo, à entrada de serviço do Congresso, pela qual você poderá sair do prédio, talvez um pouco cansado pela andança, mas satisfeito por ter conhecido um dos pontos turísticos mais famosos do País — o Congresso Nacional.

ILARA VIOTTI
Da Editoria de Política

Imagine-se um lugar que tem uma renda per capita cinco vezes maior que a do Brasil. As dez mil pessoas que o "habitam" contam com um moderno e bem equipado sistema de atendimento médico e têm, a preços subsidiados, toda a infra-estrutura de alimentação e transporte. Esta "população" conta ainda com uma razoável rede bancária, postos de serviço de todas as companhias aéreas, galerias de arte, e de uma bem azelada, embora constituída informalmente, rede de comércio varejista.

Este lugar existe, sob grossas paredes revestidas em mármore, num dos monumentos da arquitetura brasileira — o Congresso Nacional. Sobre tapetes aveludados, num ambiente permanentemente temperado por sofisticado sistema de ar condicionado, o Congresso é, na realidade, uma reprodução do País — tanto no que ele proporciona de conforto a uma minoria de brasileiro.

A população "fixa" do Congresso — cerca de dez mil funcionários nas duas Casas — juntam-se semanalmente pelo menos cinco mil visitantes: pessoas que vêm simplesmente conhecer de perto o imponente prédio, gente que vem cobrar de deputados e senadores promessas de palanque, ou grupos que querem verificar, nestes tempos de constituinte, como estão sendo encaminhados os problemas de seu interesse — são os lobistas.

COMER BEM

O que os visitantes não vêem é o Congresso que está incorporado à rotina de seus funcionários. Para se viver bem lá, é preciso, antes de tudo, conhecer os lugares por onde se deve ou não passar para, por exemplo, fazer uma refeição. Em todo o prédio, há seis restaurantes e lanchonetes, e outros dois estarão funcionando dentro de 15 dias. Dois deles são teoricamente exclusivos para parlamentares, um no Senado, outro no último andar da Câmara, com uma das melhores vistas da cidade. A comida é boa (o do Senado é administrado pelo grupo proprietário do Planetella, um dos mais elegantes da cidade), mas o preço é só um pouco menor que o da praça.

O self service da Câmara, onde a maior parte dos funcionários almoça, tem uma boa comida e o preço é realmente atraente: Cz\$ 25 por pessoa, se ela optar pelo sistema "bandeirão". O self service fica no anexo II, num local que não faz parte do "circuito turístico" do congresso. No prédio principal, a lanchonete da ASCADE (Associação dos Servidores da Câmara dos Deputados) tem um serviço que deixa muito a desejar, mas como se localiza num ponto central, o movimento é sempre gran-

de. Os que realmente conhecem a casa, no entanto, lançam num pequeno barzinho montado dentro do setor de taquígrafia da Câmara — "escondido" atrás de uma portinhola. Lá se pode comer sanduíches bem feitos pelo preço da praça. E há outro, enfurnado na garagem do Senado.

No Senado, por enquanto, há duas opções. Ou se almoça no restaurante dos senadores, onde nem todos podem ir, ou se recorre a um pequeno e enfumacado balcão localizado atrás de uma das inúmeras portinholas que existem na garagem. O pão de queijo é bom — custa Cz\$ 10 — mas o local é visivelmente improvisado.

GANHAR BEM

Dizem as lendas que o Congresso — o Senado principalmente — é bom patrão. Os salários são astronômicos e entrar para a carreira administrativa no Poder Legislativo é ganhar o céu. A realidade não é bem esta. A renda per capita do Senado — Cz\$ 40 mil mensais — é o quintuplo da do País, mas quando se faz este cálculo, utiliza-se o menor e o maior salário, e a diferença entre eles é gritante. O mínimo no Senado hoje é Cz\$ 15 mil e o máximo não foi revelado, mas está acima de meio milhão de cruzados.

Salário indireto, no entanto, é bastante compensador. Em termos de assistência médica, por exemplo, o Congresso não fica devendo nada aos melhores sistemas de atendimento do País. Fornecendo aos funcionários serviços próprios ou conveniados, a Câmara e o Senado cobrem as despesas com saúde, inclusive exames, num percentual de pelo menos 70%.

EUGENIO NOVAES



Serviço médico: igual a um hospital de 250 leitos

Se a infra-estrutura montada no setor de saúde no Congresso fosse aplicada a um hospital, este poderia ter 250 leitos — uma média bastante superior à da maioria dos hospitais brasileiros. Os custos de um sistema hospitalar seriam muito altos, e o Congresso se restringe a fornecer serviços ambulatoriais inclusive com distribuição de medicamentos (da Ceme) a seus usuários — um universo que, potencialmente, pode chegar a 30 mil pessoas, entre funcionários e dependentes.

Como em toda repartição pública brasileira, no Congresso existem os comerciantes. Vende-se de tudo. Camarão frito, galinha caipira e seus derivados, leite de fazenda, queijo, roupas, dólares, jóias, bebida importada. Muitos dos vendedores são funcionários que buscam complementação de renda, e já construíram uma imagem sólida, com freguesia certa. Nenhum dos "comerciantes" quis se identificar, por motivos óbvios: nenhum deles paga impostos sobre o que vende, e o comércio nas dependências do Congresso é proibido. O comércio no Poder Legislativo é bastante lucrativo: a galinha caipira, por exemplo, custa Cz\$ 200 a peça, enquanto a vendida no supermercado sai por algo em torno dos Cz\$ 150.

Não há exagero em se dizer que o Congresso Nacional é uma cidade, ou que tem a estrutura de uma cidade de porte médio para os moldes do País. O diretor-geral do Senado, ex-senador Passos Porto, conta que o presidente Sarney, quando assumiu o governo do Maranhão, em 1965, foi ao Rio de Janeiro

para uma visita. Ao chegar lá, espantou-se com a grandiosidade do recém-inaugurado Edifício Central, próximo ao chamado "Tabuleiro da Balana", um ponto de ônibus no centro da cidade. O comentário que o então governador fez, segundo Passos Porto, vale para o Congresso Nacional, com pequenas variações: Sarney comentou — "a energia elétrica gasta neste edifício é maior que a consumida em todo o Estado do Maranhão".

Em 1988, o Congresso deverá deixar nos cofres da Companhia de Eletricidade de Brasília algo em torno dos Cz\$ 90 milhões. Isto se não for pedido crédito suplementar, o que é comum acontecer, já que a inflação do País não tem rédeas. O custo do sistema de comunicação por telefone é igualmente alto: só em dezembro, o Senado pagou à Telebrasil uma conta de Cz\$ 2,5 milhões. Na Câmara, os números são parecidos, embora não revelados.

O sistema telefônico do Senado, se instalado numa cidade, poderia atender a uma população de 15 mil pessoas — são 300 linhas diretas e 1500 ramais — com capacidade de ampliação para dez mil ramais. A rede elétrica é reforçada, já que precisa suportar o consumo altíssimo de ar condicionado, aparelhos de telex, xerox e iluminação para os escuros labirintos do prédio.

Há outros números igualmente impressionantes. A previsão de gastos em combustível (álcool, gasolina e óleo diesel) do Congresso este ano é de Cz\$ 70 milhões para 1988 — novamente com a possibilidade de uma inflação consumir, já no primeiro semestre, toda a verba destinada aos 12 meses.

CULTURA

O Congresso poderia ser comparado também a uma grande galeria de arte. Além de seu patrimônio em quadros, esculturas, antiguidades e outras obras de arte, a Câmara e o Senado mantêm espaços permanentes destinados à realização de exposições. Inúmeros artistas já participaram destas mostras e garantem que o espaço é bom, a não ser por um inconveniente: as vendas não podem ser feitas no local. Mas muitas vezes o patrimônio acaba por incorporar algumas obras de expositores ao seu acervo. Em geral por preços salgados.

Galeria de arte, centro gastronômico, shopping center ou cidade, o Congresso é mesmo um fiel retrato do Brasil. Há marajás e barnabês, há só os que trabalham e os que nem tanto, os que entraram por concurso e os que desembarcaram de trens da alegria. Há, sobretudo, a impressão de que a casa de mármore não envolve uma estrutura perfeita, a estrutura do Brasil ideal que muitos esperam da Constituinte, mas sim a estrutura falha, muitas vezes capenga, do próprio País.



Bandeirão: refeições por Cz\$ 25 para todos